

NOTAS SOBRE A ORIGEM DO DEBATE ACERCA DA EXPRESSÃO EM MERLEAU-PONTY¹

Notes on the origin of the debate about expression in Merleau-Ponty

Brenda Cardoso Soares²

RESUMO

Esse artigo tem o objetivo de explicitar o contexto em que surge o debate sobre a expressão (*Ausdruck*) presente na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. Não se trata de debater a noção dentro dessa obra, mas de esclarecer sua origem na fenomenologia e seu diálogo com outros filósofos. Para isso vamos dividir a proposta em quatro partes: primeiramente entender como Husserl em *Investigações Lógicas* inaugura esse termo na fenomenologia, posteriormente entender como Gurwitsch retoma e ressignifica a expressão na fenomenologia husserliana utilizando a Teoria Gestalt; abordar o possível paralelo entre a expressão e a noção de “pregnância simbólica” (*symbolische Prägnanz*) de Cassirer; e por último iniciar uma descrição da proposta em Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Merleau-Ponty. Expressão. Husserl. Gurwitsch. Cassirer.

ABSTRACT

This paper aims to explain the context in which the debate about the expression (*Ausdruck*) present in Maurice Merleau-Ponty's Phenomenology of Perception arises. It is not a matter of debating the notion within this work, but of clarifying its origin in phenomenology and its dialogue with other philosophers. For this, we will divide the proposal into four parts: firstly, to understand how Husserl in *Logical Investigations* inaugurates this term in phenomenology, later to understand how Gurwitsch resumes and reframes the expression in Husserlian phenomenology using Gestalt Theory; address the possible parallel between Cassirer's expression and notion of “symbolic pregnancy” (*symbolische Prägnanz*); and finally begin a description of the proposal in Merleau-Ponty.

Key-words: Merleau-Ponty; Expression; Husserl; Gurwitsch; Cassirer.

Quando lemos a obra de um autor é muito comum que tenhamos acesso aos conceitos que ele nos apresenta. Na filosofia, no entanto, é preciso reconhecer que existe um proceder muito característico que é ou realizar uma releitura de um conceito já utilizado ou ainda apresentar um desdobra-

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.258432>

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: brendacsoares@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0976-5064>.

mento desse conceito em sua tradição ao longo do tempo. Uma pesquisa na linha das Origens da Filosofia Contemporânea tem como um dos seus desafios reconstruir o caminho utilizado por um autor contemporâneo em seu debate com aqueles que o antecederam. Essa proposta não se trata apenas de uma curiosidade histórica, mas de um esforço de compreensão da obra e de um filósofo que resulta na valorização da sua contribuição ao debate a que ele se dirige. É o que se pretende alcançar nesse artigo com a investigação das origens e acompanhamento da discussão da noção de expressão (*Ausdruck*) retomada na *Fenomenologia da Percepção* (1945) de Maurice Merleau-Ponty.

Merleau-Ponty foi um fenomenólogo e, sendo assim, há um certo privilégio dessa tradição em nossa investigação e por isso vamos estabelecer como ponto de partida o reconhecido fundador da fenomenologia Edmund Husserl. Contudo, faz-se necessário também mencionar e ressaltar um nome menos familiar como o do lituano Aron Gurwitsch para complementar de forma crucial a discussão do fenomenólogo francês e revelando um não tão reconhecido compartilhamento de interesse sobre a Teoria Gestalt. Além deles, é possível ver a riqueza do pensamento merleau-pontyano quando observamos mais de perto a aproximação com um neokantiano como Ernst Cassirer e sua noção de “pregnância simbólica”. Esse é o percurso que nos propomos para compreender de onde Merleau-Ponty parte na *Fenomenologia da Percepção*.

Apesar de nos concentrarmos na fenomenologia, o termo *Ausdruck* já era empregado na filosofia. Primeiro na filosofia religiosa de Friedrich Schleiermacher, depois na estética de Lipps:

De acordo com Lipps, a estética (e a semiótica como traço necessário de união com a linguagem, a comunicação e a interpretação) não era nem *Theorie der Sinneswahrnehmung* nem *Kunstphilosophie*: ambos os significados restritivos de *Ästhetik* (com o primeiro geralmente considerado como primário e o segundo como derivado) refletiam a ideia de uma oposição entre *Eindruck* e *Ausdruck* como dois momentos de conhecimento diferentes, mas

complementares, respectivamente o informante e o performativo (ou seja, proativo e produtivo)³ (SALVIA, 2015, p.381).

Entretanto, é apenas com Husserl em *Investigações Lógicas* que a expressão (*Ausdruck*) faz seu *debut* na fenomenologia, que na época ainda era reconhecida como psicologia descritiva. Na Primeira Investigação intitulada “Expressão e Significado” (*Ausdruck und Bedeutung*), Husserl distinguirá os atos intencionais entre atos significativos e atos intuitivos. Nos atos significativos a expressão sensível (*sinnliche Ausdruck*) é a base dos signos como marcas ou sons que ao serem apreendidos de forma interpretativa nos dão acesso ao significado (*Bedeutung*), mas que, por outro lado, não apresentam relação direta com o conteúdo intuitivo. Já os atos intuitivos, como a percepção, diferenciam-se por terem acesso ao conteúdo “pessoalmente” e serem preenchidos por estes. Aqui notamos o interessante movimento husserliano de conectar a expressão com certo caráter sensível ao mesmo tempo que a distancia da percepção.

As *Investigações Lógicas* de Husserl têm uma reconhecida influência fregeana a respeito da relação entre sentido e referência, o que faz com que o debate da expressão seja conectado a discussões acerca da linguagem. Essa abordagem é uma das formas de Husserl se afastar do psicologismo do qual foi acusado anteriormente pelo próprio Frege. Assim, Husserl reconhece que há uma separação entre o real e o ideal, consagrando a fenomenologia como ciência eidética, e ao mesmo tempo oferecendo uma resposta para como se dá a relação entre esses dois polos: a intencionalidade. Sendo assim, ainda que exista certa influência advinda da lógica, a “expressão” deve ser sempre tomada do ponto de vista da experiência intencional.

Primeiramente, temos que ter em mente que para Husserl o significado é sempre e principalmente o significado de um ato, isto é, de uma experiência intencional. Os sentidos nos quais uma inscrição física ou uma coisa são ou podem ser consideradas significativas são derivados desse sentido primário, na medida em que postulamos um ou

³ “According to Lipps aesthetics (and semiotics as necessary trait d’union with language, communication, and interpretation) was neither *Theorie der Sinneswahrnehmung* nor *Kunstphilosophie*: both restrictive meanings of *Ästhetik* (with the first usually regarded as primary and the second as derived) reflected the idea of an opposition between *Eindruck* and *Ausdruck* as two different but complementary moments of knowledge, respectively the informing and the per-forming (i.e. proactive and productive) one”.

outro ato como sendo a fonte desse significado. Se os significados husserlianos, como o *sinne* fregeano, são entidades intensionais, o que estou enfatizando é que, para Husserl, a intensionalidade deriva da intencionalidade. Dizer que um ato é intencional é dizer que um objeto é nele pretendido de certa maneira como sendo tal e tal: isso é atribuir a ele um sentido ou um significado e uma referência⁴ (MOHANTY, 1977, p.80).

A intencionalidade, no entanto, não se reduz à lógica, mas abrange outras esferas como a percepção e essa divisão entre atos significativos e intuitivos que aparenta evitar a confusão entre estas esferas, apenas adia um eventual esclarecimento acerca da relação e primordialidade entre ambas. A expressão toma papel central nessa discussão, quando mesmo atribuída à semântica não pode ser dissociada da percepção.

O compromisso de Husserl com a separação entre forma e matéria e sua consequente incapacidade de lidar com o significado encarnado já está presente em seu modelo linguístico original. Husserl fala apenas do ato de dar sentido a sons ou marcas sem sentido e do sentido dado. Ele assume que a aparência perceptiva das marcas não é afetada pelo significado assim sobreposto⁵. (DREYFRUS, 1987, p. 107).

A separação entre matéria e forma em *Investigações Lógicas* ocorre paralelamente nas duas esferas: na linguística pelo conceito de expressão sensível e na percepção na noção de conteúdo representacional. Em ambos os casos a matéria não possui sentido ou significado *per se* mas é apreendida e então interpretada ou objetivada, ganhando sentido. Essa proposta ganha ainda mais espaço na fenomenologia de Husserl em *Ideias I* (1913) quando Husserl no §97 apresenta dois estratos: um hylético e outro noético. No primeiro, os dados sensíveis (dados hyléticos) servem de substrato material

⁴ “First, we have to bear in mind that for Husserl meaning is always and primarily meaning of an act i.e., of an intentional experience. The senses in which a physical inscription or a thing are or may be said to be meaningful are derivative from this primary sense inasmuch as we posit some act or other as being the source of that meaningfulness. If Husserlian meanings, like the Fregean *Sinne*, are intensional entities, what I am emphasising is that for Husserl intensionality derives from intentionality. To say that an act is intentional is to say that an object is intended in it in a certain manner as being such and such: this is to ascribe to it a sense or a meaning and a reference”.

⁵ “Husserl’s commitment to the separation of form and matter and his consequent inability to deal with incarnate meaning is already present in his original linguistic model. Husserl speaks only of the act of giving meaning to meaningless sounds or marks and of the meaning given. He assumes that perceptual appearance of the marks is unaffected by the meaning thus superimposed”.

para a intencionalidade, caracterizada pelo momento intencional de “doação de sentido”, chamado por Husserl de “momento noético” (*noetisches Moment*) ou noese, que é operado pelo segundo estrato.

De acordo com a análise de Dreyfrus (1987, p. 108), essa dicotomia presente na fenomenologia husserliana desde *Investigações Lógicas*, em seu âmbito linguístico – por conta da apreensão interpretativa de uma expressão sensível – e em seu âmbito perceptivo – já que “mesmo na percepção é preciso sempre separar o ato de significação do ato de intuição que preenche esse significado” – ao invés de ser tratado como um problema é transformado numa necessidade da fenomenologia transcendental presente em *Ideias I*: “uma teoria de como os objetos são tomados ou intencionados, mas não como eles são dados ou apresentados”, ou em uma outra abordagem, expressos.

Um nome fundamental para a expansão dessa discussão é o fenomenólogo Aron Gurwitsch, que foi aluno de Husserl e discute pontos que depois serão retomados por Maurice Merleau-Ponty na *Fenomenologia da Percepção*. Gurwitsch tem uma contribuição importante ainda que indireta para o debate sobre a expressão porque ao fazer a primeira interpretação fenomenológica da Teoria Gestalt, ele não só questiona o conceito de *hylé*, como também sua proposta de estrutura da relação entre tema e campo temático que descreve como o fenômeno sempre expressa um sentido.

Primeiro Gurwitsch se insere na discussão até então estabelecida alargando o problema da *hylé* para todos os âmbitos. Então para Aron Gurwitsch (2009, p. 282), do ponto de vista da crítica à noção de *hylé*, a diferença entre o conteúdo intuitivo e a expressão sensível não importa já que o próprio “Husserl considera corretamente o ato significativo como um ato fundado que pressupõe a aparência de um substrato físico e que, em seu próprio ser fundado sobre essa aparência, funde-se com ela em um ato total unitário”. É sobre essa fundação que Gurwitsch (2009, p. 282) se dirige ainda quando ele afirma que: “Se letras chinesas são apresentadas a mim, a diferença entre mim e alguém que sabe chinês não é apenas que ele as entende e eu não, mas as letras também parecem diferentes para ele do que para mim”. Sob essa base, Dreyfrus (1987, p. 107) indica que nesse caso Husserl precisaria admitir uma distinção de quatro momentos: “marcas ou sons, ato de

dar significado, significado dado e nova entidade perceptiva, a expressão significativa”⁶.

Aqui a Teoria Gestalt abordada por Gurwitsch e posteriormente retomada por Merleau-Ponty ganha sua relevância ao refutar a hipótese da constância, ou seja, a pressuposição que existe uma conexão constante entre estímulo e sensação, defendida pela psicologia clássica. Gurwitsch acredita que Husserl resguarda uma versão da hipótese da constância ao defender a existência de uma *hylé* “despida” de sentido. Segundo Gurwitsch (2009, p. 000), para Husserl, a “*Hylé* em si não significa nada, mas é meramente dada, uma multiplicidade de conteúdos que adquire sentido e ordem apenas por meio de funções noéticas. O hylético ele mesmo é ‘matéria sem forma’, meramente presente e nada mais”.

Essa postura distinta a respeito da existência ou não de uma *hylé* e a possibilidade ou não de um sentido encarnado irá ditar como cada um dos fenomenólogos irá lidar com a fenomenologia da percepção. Segundo Dreyfrus (1987, p. 108) “Assim, a adesão estrita à dicotomia forma/matéria, mente/corpo dita o futuro desenvolvimento da fenomenologia de Husserl longe de uma fenomenologia da percepção”⁷. Por outro lado, a forma como Gurwitsch interpreta a redução transcendental e propõe um paralelo com a refutação da hipótese da constância⁸ faz com que ele acredite que se deve partir de uma fenomenologia da percepção. A questão que fica é: o que percebemos?

A fenomenologia da percepção tem que começar com a “coisa” percebida, tomada exatamente como ela está diante da mente do sujeito da experiência e naquele mesmo modo de apresentação em que ela realmente aparece através da percepção em discussão. A “coisa” assim caracterizada é o *perceptum qua perceptum*, como podemos di-

⁶ “marks or sounds, act of giving meaning, meaning given, and new perceptual entity, the meaningful expression.”

⁷ “Thus strict adherence to the form/matter, mind/body dichotomy dictates the future development of Husserl’s phenomenology away from a phenomenology of perception”.

⁸ “When the theses of Gestalt theory are pursued into epistemological dimensions (theses resulting from relinquishment of the constancy hypothesis), not only is the world of stimuli, the world of things, suspended but also—we submit—the whole transcendent sphere, the entire stock of objects with which we deal in the “natural attitude.” Understood in this way, the procedure of Gestalt theory, in taking the psychic purely descriptively and disregarding all constructions, has the same significance and methodical function for psychology as the transcendental reduction has for phenomenology”. (GURWITSCH, 2009, p. 214)

zer, variando a expressão de Husserl *cogitatum qua cogitatum*; outro termo técnico usado por Husserl é *noema perceptivo* (GURWITSCH, 2009, p.00).

A ideia de uma fenomenologia constitutiva, na forma idealista como coloca Husserl, que parte de uma base material desorganizada e sem sentido vai na contramão da proposta de uma descrição fenomenológica que não descarta a expressão sensível. É nessa linha que Gurwitsch pretende rever alguns aspectos da fenomenologia husserliana. Contudo, ainda que discor-dem a respeito da importância de uma fenomenologia da percepção, há muitas similaridades nos projetos de Husserl e Gurwitsch: ambos acreditam que a fenomenologia deve ser eidética, transcendental e mantém a importância da redução fenomenológica. Estes pontos, entretanto, serão posteriormente questionados, revistos e em alguns casos radicalizados por Merleau-Ponty.

Se não há consenso sobre a prioridade de uma fenomenologia da percepção, uma outra questão que se faz fundamental e tem comum importância nestes três pensadores é a noção de campo que ganhará o devido destaque no debate sobre a expressão. Quando Merleau-Ponty trabalha a ideia de campo fenomenal ele é herdeiro de uma tradição, da qual Gurwitsch fez parte e contribuiu com suas propostas de campo temático e campo da consciência. Segundo Moran (2019, p.11) “Gurwitch, em particular, influenciado pela Gestalt, propôs a consciência como um 'campo' estruturado (ou '*champ*'), *Feld* alemão. "Campo" é uma metáfora já encontrada em Koffka, William James e Husserl”⁹. Gurwitsch retoma a conexão entre “campo” com a relação figura-fundo proposta pelo dinamarquês Edgar Rubin e posteriormente retrabalhada por Koffka. Sendo assim, num campo sempre consta uma relação em que a figura emerge sob um fundo.

Esse campo como estrutura se organiza internamente ao redor da figura que Gurwitsch apontar ser o tema, um extrato do “noema” husserliano¹⁰, que é caracterizado como o sentido. Ou seja, há sempre um sentido que emerge de um fundo. Como Gurwitsch, seguindo Husserl, defende o caráter

⁹ “Gurwitch in particular, influenced by Gestalt, proposed consciousness as a structured ‘field’ (or ‘champ’), German *Feld*. ‘Field’ is a metaphor already found in Koffka, William James, and Husserl”.

¹⁰ “Aron Gurwitsch é o primeiro a apresentar uma interpretação do noema husserliano expondo sua concepção de “noema perceptivo”, iniciando um debate que se estende até os dias atuais”.

noético-noemático da consciência, a noção de campo é válida para os dois eixos. A grande diferença é que em Gurwitsch após a extinção da *hylé* existe um “noema perceptivo” que pela primeira vez não ignora o sensível e reconhece o papel dele na construção do sentido. Não há nenhuma coincidência envolvida no fato que a primeira interpretação fenomenológica da Gestalt esteja no mesmo trabalho que começa a ser exposta a noção de um “noema perceptivo”. Assim como não é eventualidade que a *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty reivindique a presença de um sentido encarnado. Sabe-se que Merleau-Ponty acompanhava o trabalho de Aron Gurwitsch, antes mesmo de o conhecer e que após serem apresentados, ele teve acesso direto aos pensamentos do lituano¹¹. Gurwitsch confessou em correspondência a Alfred Schutz que pensava a si mesmo como uma espécie de “padrinho” dessa obra merleau-pontyana.

Eu ouço uma quantidade enorme de minhas palestras no livro. Ele aprendeu muito comigo e assumiu muito. Não só nos detalhes, onde ele levou muitas coisas além. Duvido que ele tivesse tido a ideia de interpretar o material psicopatológico fenomenologicamente sem minha influência¹² (GRATHOFF, 1989, p. 94).

O material psicopatológico a que se refere Gurwitsch são as experiências realizadas por Kurt Goldstein e Adhemar Gelb, utilizando uma concepção holística do cérebro e fazendo a diferença entre atitude categorial, em que pessoas com lesões cerebrais não eram capazes de ter representações do mundo a partir de abstrações, e atitude concreta que por serem mais primordiais podiam ser experienciadas pelos detentores das mesmas lesões. Merleau-Ponty utiliza essa diferença como uma das bases para a sua obra de 1945. Um dos problemas centrais para esses pesquisadores, que também é retomado por Merleau-Ponty – mas não só por ele – é o da afasia.

¹¹ “Merleau-Ponty asked Gurwitsch if he were related to the author of the *Phänomenologie der Thematik und des reinen Ich*, and Gurwitsch acknowledged his work. Merleau-Ponty remarked that he had been quite influenced by it, and he began attending Gurwitsch’s lectures and saw him frequently. Gurwitsch was invited to Merleau-Ponty’s home. Merleau-Ponty read some of Gurwitsch’s articles prior to publication, including the published version of Gurwitsch’s lectures on Gestalt psychology. Gurwitsch conveyed unpublished observations on Goldstein’s famous patient Schneider to Merleau-Ponty”. (GURWITSCH, 2010, p. 47)

¹² “I hear an enormous amount from my lectures in the book. He has learned a lot from me and taken over a great deal. Not only in details, where he has carried many things further. I doubt that he would have had the idea of interpreting the psycho-pathological material phenomenologically without my influence”.

Aqui trazemos mais um nome que contribui para o debate: Ernst Cassirer. Uma pergunta que poderia ser levantada é porque temos um neokantiano, numa linha que se seguia até aqui estritamente fenomenológica. Podemos apontar ao menos duas razões, a primeira é que o diálogo entre um fenomenólogo e um neokantiano não é algo incomum, as convergências e diferenças entre os métodos transcendental e fenomenológico são temas recorrentes de trabalhos¹³.

A discussão e correspondência entre Husserl e Natorp é amplamente reconhecida, Gurwitsch é um assumido leitor de Cassirer, Cassirer se dirige diretamente a Husserl em muitas de suas colocações e Merleau-Ponty segue essa tradição dialogando com Cassirer sobre a pregnância simbólica renectando-a com o debate sobre o acento na imaginação produtora, proposta por Kant¹⁴. Outra razão é o fato de Cassirer ser primo de Goldstein e por isso ter acesso às pesquisas sobre a temática, retomando a distinção entre atitude categorial e concreta no terceiro volume de *Filosofia das Formas Simbólicas*. Segundo Parszutowicz (2015, p. 90)

A “atitude concreta” corresponde na “patologia da consciência simbólica” de Cassirer à atitude relativa à percepção da expressão (*Ausdruckswahrnehmung*), ao passo que a “atitude categórica” corresponde à percepção das coisas (*Dingwahrnehmung*), por ex. à percepção factual, que é o tipo de percepção que temos a ver quando nos referimos a uma situação vivida abstraindo dela e reconstruindo relações objetivas¹⁵.

Cassirer faz a distinção entre três funções simbólicas: expressiva, representativa e significativa. A primeira ele atrela ao mito, a segunda à linguagem e a terceira à ciência. Essa distinção não é uma separação, Cassirer não admite primazia entre suas formas simbólicas, mas alega certa originalidade primitiva da função expressiva. O autor explica que (2011, p.109) “o ‘entender a expressão’ é essencialmente anterior ao ‘conhecer as coisas’”. E,

¹³ PORTA (2011); LUFT (2011).

¹⁴ Não iremos abordar esse debate neste artigo, mas ele pode ser acompanhado em Matherne (2014).

¹⁵ “The ‘concrete attitude’ corresponds in Cassirer’s ‘pathology of the symbolic conscience’ with the attitude related to the perception of the expression (*Ausdruckswahrnehmung*), while the ‘categorical attitude’ corresponds to the perception of things (*Dingwahrnehmung*), e.g. to the factual perception, which is the kind of perception we have to do with when we refer to an experienced situation abstracting from it and reconstructing objective relations”.

apesar disso, é importante ter em mente que a função expressiva, a princípio relacionada diretamente à forma simbólica do mito, é sempre presente em algum grau em todas as outras formas. Aqui é possível notar uma relação entre todo e partes que, herdada de Franz Brentano, reproduz-se em Husserl e na Teoria Gestalt. Cassirer também é partidário desse posicionamento e acreditamos ser possível afirmar que, bem como em Husserl, a linguagem como representação é antes “fundada” na expressão sensível “prenhe” de sentido. Parszutowicz (2015, p. 93) complementa que para Cassirer:

Os fenômenos não são uma coleção de dados sensoriais primários e processos psíquicos secundários que os ligam no nível mental, dando-lhes assim uma certa qualidade psicológica. Nenhum fenômeno se manifesta isoladamente, estamos sempre lidando com um sistema de fenômenos que não é apenas a soma de suas partes individuais, mas cada parte assume nele seu devido lugar e função, o que determina seu grau de objetividade¹⁶.

Acompanhando a Gestalt e Gurwitsch, Cassirer também se opõe à possibilidade de separação entre matéria e forma e consequentemente à divisão proposta por Husserl entre os estratos hylético e noético (2011, p. 335). Mesmo ao vincular a percepção anteriormente às funções da representação e significação, Cassirer alerta que não elimina o domínio da forma. Portanto, essa percepção não seria caótica, desarticulada ou difusa. O que ocorreria é que esta teria acesso ao mundo diferente e mais original porque se vincula ao “puro fenômeno da expressão” que se revelaria como um sentido “imediato”, mas não sem mediação. Merleau-Ponty (2011, p. 91) retoma essa renovação do imediato, “Mais geralmente, é a própria noção do imediato que se encontra transformada: doravante, o imediato não é mais a impressão, o objeto que é um e o mesmo que o sujeito, mas o sentido, a estrutura, o arranjo espontâneo das partes”.

Este acesso “imediato” à expressão, na verdade, remeter-se-ia à espontaneidade com que se forma uma relação entre sentido e experiência sensível. Relação esta, apreendida pela consciência perceptiva. Isso ocorre

¹⁶ “Phenomena are not a collection of primary sensory data and secondary psychical processes linking them at the mental level, thereby giving them a certain psychological quality. No phenomenon manifest itself in isolation, we are always dealing with a system of phenomena which is not merely the sum of its individual parts, but every single part assumes in it its proper place and proper function, which determines its degree of objectivity”.

porque para Cassirer só existe um *a priori* para a consciência: a relação. Ou seja, o menor dado que é possível ser percebido já é uma relação. E esta sempre parte de um fator isolado rumo a uma totalidade, característica do método transcendental neokantiano. O papel da representação e significação é justamente regular a transição entre esses dois polos.

Ao pensarmos a função representativa (linguagem) nos deparamos com uma relação entre significante e significado, a função significativa (ciência) se constitui como uma rede de relações, o que poderia gerar a ilusão que a função expressiva (mito) poderia ser o único acesso a uma realidade não mediada. Porém se nos atentarmos à noção de pregnância simbólica (*symbolische Prägnanz*) também introduzida por Cassirer, veremos que a expressividade também se configura como uma função que pressupõe mediação. O neokantiano explica que por pregnância simbólica (2011, p. 342) “deve-se entender o modo como uma experiência perceptiva, enquanto experiência sensível, contém em si, ao mesmo tempo um determinado ‘sentido’ não intuitivo e como ela o representa de forma imediatamente concreta”.

Matherne (2014, p. 133) elucida que “Em sua discussão sobre afasia, Cassirer argumenta que a incapacidade de um paciente de nomear itens decorre de sua incapacidade de se envolver na percepção pregnante”¹⁷, reconhecendo a relação intrínseca da percepção pregnante de um sentido expresso com a função representativa da linguagem. O estudo dessa patologia confirma essa conexão de forma inovadora. Para Cassirer (2011, p.231), ainda que haja a tentativa de fazer um estudo apenas da linguagem, há de se perceber que a concretude da função expressiva se faz sempre presente.

O estudo da formação de conceitos linguísticos nos mostra repetidamente que a linguagem começa com designações concretas e, a partir daí, gradualmente abre um caminho para a expressão significativa puramente relacional e abstrata.

Quando Cassirer, defende o caráter “fundacional” da função expressiva, ele retrata a diferença do mito, em relação ao conhecimento conceitual ou da linguagem. Não é que não exista expressão nestes, mas ela não é originária desses estratos.

¹⁷ “In his discussion of aphasia, Cassirer argues that a patient’s inability to name items stems from his inability to engage in pregnant perception”.

Assim, no que diz respeito à expressão, eles assumem uma direção centrífuga e não centrípeta. O mito, porém, nos coloca no centro vivo dessa esfera, pois sua particularidade consiste justamente em nos mostrar um modo de formação do mundo que independe de todos os modos de mera objetivação. Não reconhece a linha divisória entre real e irreal, entre realidade e aparência, que a objetivação teórica traça e deve traçar. Toda a sua estrutura se move em um único plano de ser, que lhe é totalmente adequado. (CASSIRER, p. 67)

O problema encontrado por Merleau-Ponty nesse pensamento, que até aqui parece tão complementar ao seu próprio, é a ênfase numa consciência intelectualista abordada pelo neokantiano¹⁸. Na verdade, esta posição não é apenas em oposição a Cassirer, mas também em relação a Gurwitsch e em última instância ao Husserl de *Ideias I*¹⁹. Do mesmo modo que a Gestalt eventualmente recai num naturalismo por se manter no âmbito psicológico, estes outros pensadores não ultrapassam o intelectualismo quando se prendem à consciência que se recusa a habitar um corpo.

Ainda que essa consciência ao se direcionar ao mundo como fenômeno expressivo, no qual este mundo ganha corporeidade, fisionomia e expressa uma “feição” peculiar que não se reduz a contornos geométricos ou objetivos, o neokantiano não consegue ir além e admitir a própria consciência como encarnada no corpo fenomenal. Aqui marcamos a contribuição de Merleau-Ponty (2011, p. 315) para o debate: a conexão entre expressão e uma consciência pré-objetiva e expandida ao corpo próprio.

Meu corpo é o lugar, ou antes a própria atualidade do fenômeno de expressão (*Ausdruck*), nele a experiência visual e a experiência auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra, e seu valor expressivo funda a unidade antepredicativa do mundo percebido e, através dela, a expressão verbal (*Darstellung*) e a significação intelectual (*Bedeutung*). Meu corpo é a textura comum de todos os objetos e é, pelo menos em relação ao mundo percebido, o instrumento geral de minha "compreensão".

¹⁸ Quando retoma a fórmula kantiana segundo a qual a consciência só poderia analisar aquilo de que ela fez a síntese, Cassirer retorna evidentemente ao intelectualismo, a despeito das análises fenomenológicas e até mesmo existenciais que seu livro contém, e das quais ainda iremos servir-nos. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 628)

¹⁹ É preciso fazer a diferença, porque por mais que Merleau-Ponty se oponha a um Husserl intelectualista de *Ideias I*, ele reconhece uma influência positiva dos escritos até então inéditos do fenomenólogo alemão aos quais teve acesso no arquivo de Louvain.

Como já adiantamos, não faz parte do escopo deste artigo detalhar como Merleau-Ponty desenvolve essa conexão ao longo de toda a *Fenomenologia da Percepção*, o objetivo é apontar como ele chega até ela. Acreditamos que o próprio fenomenólogo francês nos mostra o caminho em seu prefácio e introdução, nos quais faz um diagnóstico da psicologia e filosofia da época e mostrando suas interações. Ao se debruçar na reconstrução de diversos debates que estavam presentes como seu horizonte, incluindo aos quais nos dedicamos nas páginas anteriores, ele descreve o pano de fundo que possibilitou a ascensão de sua proposta inovadora do corpo como espaço expressivo.

Merleau-Ponty descreve e estabelece os limites de um campo fenomenal no qual podemos perceber o fenômeno como expressão. Nesse caminho ao qual ele dedica toda a introdução da *Fenomenologia da Percepção*, ele precisa se opor tanto ao naturalismo quanto ao intelectualismo. Por isso ele marca posição contrária simultaneamente à impressão – como estímulo e sensação – e à ideia – como *eidos*. Já no começo de sua obra, Merleau-Ponty declara seu posicionamento com respeito à ligação entre expressão e linguagem, que conforme colocada no início deste artigo, foi a primeira adotada pela fenomenologia. Assim, Merleau-Ponty (2011, p. 12) reposiciona essa conexão como experiência secundária.

Quaisquer que possam ter sido os deslizamentos de sentido que finalmente nos entregaram a palavra e o conceito de consciência enquanto aquisição da linguagem, nós temos um meio direto de ter acesso àquilo que ele designa, nós temos a experiência de nós mesmos, dessa consciência que somos, e é a partir dessa experiência que se medem todas as significações da linguagem, é justamente ela que faz com que a linguagem queira dizer algo para nós.

Esse posicionamento é consequência de como o autor encara a proposta eidética da fenomenologia que era defendida tanto por Husserl quanto por Aron Gurwitsch. Para Merleau-Ponty (2011, p. 12), não é possível uma separação entre essência e existência, o sensível é parte integrante da nossa experiência fenomenológica de maneira primordial: “No silêncio da consciência originária, vemos aparecer não apenas aquilo que as palavras querem dizer, mas ainda aquilo que as coisas querem dizer, o núcleo de

significação primário em torno do qual se organizam os atos de denominação e de expressão”.

Merleau-Ponty não se opõe apenas à fenomenologia como eidética, mas também ao idealismo transcendental husserliano. Segundo o fenomenólogo francês, privilegiar um dos lados é manter uma dicotomia de prejuízo que nos distancia da descrição da experiência fenomenológica.

O sensualismo "reduz" o mundo, observando que, no final das contas, nós só temos estados de nós mesmos. O idealismo transcendental também "reduz" o mundo, já que, se ele o torna certo, é a título de pensamento ou consciência do mundo e como o simples correlativo de nosso conhecimento, de forma que ele se torna imanente à consciência e através disso a aseidade das coisas está suprimida (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13).

Essa oposição leva Merleau-Ponty a criticar o grande alicerce da investigação fenomenológica: a redução. Para o autor, a base do método fenomenológico que foi adotada para nos resguardar da atitude natural, acaba nos levando a um prejuízo tão perigoso quanto o que pretendia evitar. Assim, se em Gurwitsch a redução transcendental nos apontava que deveríamos começar por uma fenomenologia da percepção, em Merleau-Ponty (2011, p.10) a fenomenologia da percepção nos mostra que tal redução é impossível de ser realizada. “O maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa”.

A redução transcendental ao despojar o mundo de seu sentido nega a ele a importância da sua expressão sensível. A nossa experiência do mundo passa a ser resumida aos momentos noéticos de doação de sentido e desmembrada em *hylé* e *morphé*, que representam a dicotomia entre matéria e forma.

Assim, minha sensação do vermelho é *apercebida como* manifestação de um certo vermelho sentido, este como manifestação de uma superfície vermelha, esta como manifestação de um papelão vermelho, e este enfim como manifestação ou perfil de uma coisa vermelha, deste livro. Seria portanto a apreensão de uma certa *hylé* como significando um fenômeno de grau superior, a *Sinngebung*, a operação ativa de significação, que definiria a consciência, e o mundo não seria nada de distinto da "significação mundo" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 7).

Merleau-Ponty se opõe enfaticamente a esse tipo de divisão. No entanto, negar o mundo como significação não é a mesma coisa que sucumbir a ele como impressão. O naturalismo da psicologia não pode ser o refúgio para a investigação da expressão e sua conexão com o sensível. Assim como a *hylé* é descartada por Merleau-Ponty a sensação também é desmistificada. Como vimos, a sensação como impressão conectada direta e constantemente com um estímulo, já havia sido negada pela Gestalt com a refutação da hipótese da constância e teve seu caráter fenomenológico reconhecido por Aron Gurwitsch. Merleau-Ponty (FP, 2011, 620) ao retomar essa refutação chega a se questionar: “Estamos errados em encontrar toda uma filosofia implícita na crítica à ‘hipótese de constância’”?

Como também já mencionado a Gestalt tem grande contribuição não só pelo caráter negativo dessas refutações, mas também por apresentar uma proposta de organização interna característica de uma relação em que a totalidade se apresenta como uma coisa distinta de apenas a soma de suas partes. Assim, o campo fenomenal é caracterizado pela relação internamente organizada entre figura e fundo que garante fisionomia ao mundo. Perceber a figura sobre um fundo é a única forma da percepção se efetivar. Quando a figura emerge de um fundo, ela carrega consigo uma expressão resultado dessa relação com seu fundo como campo e horizonte de sentido.

O "algo" perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um "campo". Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não pode ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. Portanto, a pura impressão não apenas é inencontrável, mas imperceptível e portanto impensável como momento da percepção. Se a introduzem, é porque, em vez de estarem atentos à experiência perceptiva, a esquecem em benefício do objeto percebido (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 24).

O campo fenomenal descrito de maneira a respeitar sua vocação fenomenológica nos ensina que não há acesso imediato e direto às essências. É na relação figura-fundo que nos deparamos com a opacidade do mundo. Alcançar uma essência implicaria uma completude que o fenômeno perceptivo não pode garantir nem àquele que percebe nem ao mundo como expressão. O sujeito tem acesso a um sentido que não é doado pela sua

consciência, mas configurado com o mundo percebido no campo fenomenal; colocando o mundo entre parênteses isso é perdido. Não temos acesso apenas a perfis ou esboços, estes são unidades de sentido já expressas.

Quando Gurwitsch retoma a Gestalt para apresentá-la como base para leis estruturais e invariantes da consciência, ele deixa escapar o seu valor fenomenológico assim como a Escola de Berlim a perdeu para o naturalismo. Merleau-Ponty (2011, p. 95) recoloca a Gestalt ao seu lugar de direito, como forma expressiva no campo fenomenal.

Sua aparição não é o desdobramento, no exterior, de uma razão preexistente. Não é *porque* a "forma" realiza um certo estado de equilíbrio, resolve um problema de máximo e, no sentido kantiano, torna possível um mundo que ela é privilegiada em nossa percepção; ela é a própria aparição do mundo e não sua condição de possibilidade, é o nascimento de uma norma e não se realiza segundo uma norma, é a identidade entre o exterior e o interior e não a projeção do interior no exterior. Portanto, se ela não resulta de uma circulação de estados psíquicos em si, não é mais uma *idéia*. A *Gestalt* de um círculo não é sua lei matemática, mas sua fisionomia.

Sem conseguir reconhecer o caráter expressivo dos fenômenos numa esfera pré-temática e pré-objetiva, ou seja, para além de seu significado linguístico, conceitual ou científico, não é possível evoluir para o segundo momento em que Merleau-Ponty ultrapassa o campo fenomenal rumo ao campo transcendental. Se em *Ideias I*, Husserl alcança a clareza noemática em que o mundo reduzido se desdobra de forma transparente em diversos sentidos, Merleau-Ponty (2011, p. 95) defende o contrário.

É por isso que a fenomenologia é a única entre todas as filosofias a falar de um *campo* transcendental. Esta palavra significa que a reflexão nunca tem sob seu olhar o mundo inteiro e a pluralidade das mônadas desdobradas e objetivadas, que ela só dispõe de uma visão parcial e de uma potência limitada. E por isso também que a fenomenologia é uma fenomenologia, quer dizer, estuda a *aparição* do ser para a consciência, em lugar de supor a sua possibilidade previamente dada.

Vai ser no campo transcendental que o corpo vai ganhar um lugar de privilégio na fenomenologia e na filosofia como espaço expressivo originário. Merleau-Ponty (2011, p. 202) afirma que “Ele é a origem de todos os outros, o próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significa-

ções no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que elas comecem a existir como coisas, sob nossas mãos, sob nossos olhos”. Se antes o corpo e qualquer elemento de caráter sensível era impensável como transcendental, Merleau-Ponty radicaliza e reivindica seu caráter expressivo como potência criativa e não mais constitutiva.

Chegamos ao final deste artigo sem a intenção de fechar nenhuma questão, pelo contrário, a discussão sobre a expressão pede uma série de desdobramentos e discussões. Por exemplo, não foi abordada aqui a polêmica acerca da subjetividade que corre paralelamente a todo esse debate. Faz-se fundamental compreender como as diferenças entre um ego empírico, ego fenomenológico e ego puro – bem como a abordagem biológica da Gestalt em relação ao corpo – resultam na inovadora proposta do corpo próprio defendido por Merleau-Ponty. Contudo, dado o esboço da nossa proposta, essa será uma discussão adiada por enquanto. Até aqui nosso objetivo foi apenas apresentar de forma introdutória como Merleau-Ponty se insere num debate que vem sendo conduzido de forma consistente por outros pensadores a quem ele se refere e responde constantemente, ao mesmo tempo que se consolida como um dos principais nomes da fenomenologia contemporânea.

Recebido em 30/04/2023

Aprovado em 14/05/2023

REFERÊNCIAS

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas: terceira parte: fenomenologia do conhecimento*; Trad. Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2011.

DREYFUS, H. Husserl's Perceptual *Noema*. In: Husserl Intentionality and cognitive science. Ed Hubert Dreyfus with Harrison Hall. London: The MIT Press, 1987. p. 73-80

GRATHOFF, Richard (Ed.). *Philosophers in Exile: The Correspondence of Alfred Schutz and Aron Gurwitsch, 1939–1959*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

GURWITSCH, A. *Phenomenology of Thematics and of the Pure Ego: Studies of the Relation Between Gestalt Theory and Phenomenology*. In: KER-

STEN, F. (Ed.). The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901-1973), II: Studies in Phenomenology and Psychology. Dordrecht: Springer, 2009, pp. 193-317. (Original publicado em 1929).

GURWITSCH, A. Biographical Sketch of Aron Gurwitsch. In: García-Gómez, J. (eds) The Collected Works of Aron Gurwitsch (1901–1973). *Phaenomenologica*, vol 192. Springer, Dordrecht. https://doi.org/10.1007/978-90-481-2831-0_2 (2010)

HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Idéias e Letras, 2006.

HUSSERL, E. *Logical Investigations*, trans. hy J. N. Findlay. Routlooge and Kegan Paul, London, 1970.

LUFT, Sebastian. *Reconstruction and Reduction: Natorp and Husserl on Method and the Question of Subjectivity in Neo-Kantianism in Contemporary Philosophy*. Bloomington, Indiana University Press: 2011.

MATHERNE, Samantha (2014) *The Kantian Roots of Merleau-Ponty's Account of Pathology*, *British Journal for the History of Philosophy*, 22:1, 124-149, DOI: [10.1080/09608788.2013.876610](https://doi.org/10.1080/09608788.2013.876610)

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*; Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MORAN, Dermot. *Husserl and Gurwitsch on Horizontal Intentionality: The Gurwitsch Memorial Lecture 2018 In Memory of Lester E. Embree*. *Journal of Phenomenological Psychology* 50, p.1–41, 2019.

MOHANTY, J. N. *Husserl's Thesis of the Ideality of Meanings*. Readings on Edmund Husserl's *Logical Investigations*, p. 76-82, 1977.

PARSZUTOWICZ, P. *The Influence of Gestalt Theory on Ernst Cassirer's Phenomenology of Symbolic Forms*. *Dialogue and Universalism* 25(4), 87–100, 2015.

PORTA, Mario. *Estudos Neokantianos*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SALVIA, Stefano. Theodor Lipps in Breslau (1890-1894). Between Experimental Psychology and 'Geistesphilosophie', in J. Harasimowicz (ed.), "A Universidade de Wrocław na cultura europeia dos séculos 19 e 20. Anais da Conferência Científica Internacional (Breslau / Wrocław, 4-7 de outubro de 2011)". Museu da Universidade de Wrocław, Breslau / Wrocław 2015: 381-390

